

# Aula

---

# 7

## O LATIM E SUAS EVOLUÇÕES

### **META**

Compreender as transformações havidas no latim vulgar e sua relação com o surgimento dos diferentes romances.

### **OBJETIVOS**

Ao final desta aula o aluno deverá:

Conhecer as diferentes modalidades do latim.

identificar as fontes documentais do latim vulgar;

compreender as transformações que deram origem às diferentes línguas românicas;

acompanhar o percurso do latim vulgar em suas diversas transformações ocasionadas pelo contato com outras línguas e culturas;

identificar as características do latim vulgar em seus aspectos variados: fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos;

compreender a relação entre a evolução do latim vulgar e a expansão do cristianismo.

### **PRÉ-REQUISITOS**

Os estudos de filologia românica estão intrinsecamente ligados aos conhecimentos fundamentais de língua latina. Muito da terminologia usada nesta disciplina assim como outros dados necessários para o conhecimento histórico da transformação das línguas só podem ser verdadeiramente assimilados mediante um certo conhecimento do latim, de sua estrutura e de sua configuração como língua. Daí ser indispensável estar sempre recorrendo aos estudos anteriores do latim.

Outro prerequisite refere-se aos conhecimentos de cunho histórico visando à compreensão das relações entre romanização e cristianização. Sabe-se do grande impulso dado pelo cristianismo à divulgação e expansão da língua latina, mas também é indispensável perceber o quanto a Igreja Cristã foi de fundamental importância para o desenvolvimento e a concretização das línguas românicas.

## INTRODUÇÃO

A língua levada pelos conquistadores romanos às províncias era, na verdade, a versão mais popular do latim, ou seja, o latim vulgar, o idioma das grandes massas e continha diferenciações significativas em relação ao latim clássico, usado por uma pequena elite e tendo feições literárias bastante acentuadas.

O termo *latim vulgar* (*sermo plebeius* ou *sermo rusticus*) também aparece como *latim popular*, *latim familiar* ou *latim cotidiano* expressões que mais se afinam ao ponto de vista social e sincrônico em que a língua se insere. Também se fala de *romance comum* ou *protorromance* na tentativa de situar os fenômenos não clássicos em uma perspectiva histórica, com base nas línguas romances.

Outra modalidade de língua latina é conhecida como *latim clássico* (*sermo eruditus* ou *sermo urbanus*) e, conforme indica o próprio nome, reflete a linguagem das camadas mais letradas da população, ou seja, das pessoas intelectualizadas.

Não se pode imaginar uma oposição radical entre essas duas modalidades de latim como se existissem duas línguas inteiramente diversas. Na verdade, as dominações vulgar ou clássico apenas designam duas faces de um mesmo idioma, de uma mesma configuração linguística, sendo a primeira de feição mais popular e mais afeita à oralidade e a segunda de característica mais erudita e bastante documentada em textos literários.

Assim, não se pode ter do latim a noção de uma língua unida e fixada para sempre, sem possibilidades de sofrer transformações. Existem, como é normal em qualquer língua, muitas variantes da língua de Cícero, mas, em resumo, se diga que a primeira variante era a língua do povo; a segunda, a língua da aristocracia romana e a terceira não era senão estilização da norma linguística aristocrática.

Para os estudos filológicos da romanística, interessam as configurações do latim vulgar, de onde provieram as línguas neolatinas, sendo interessante saber como essa variedade latina foi levada aos quatro cantos do império, dando início aos processos de latinização das províncias.

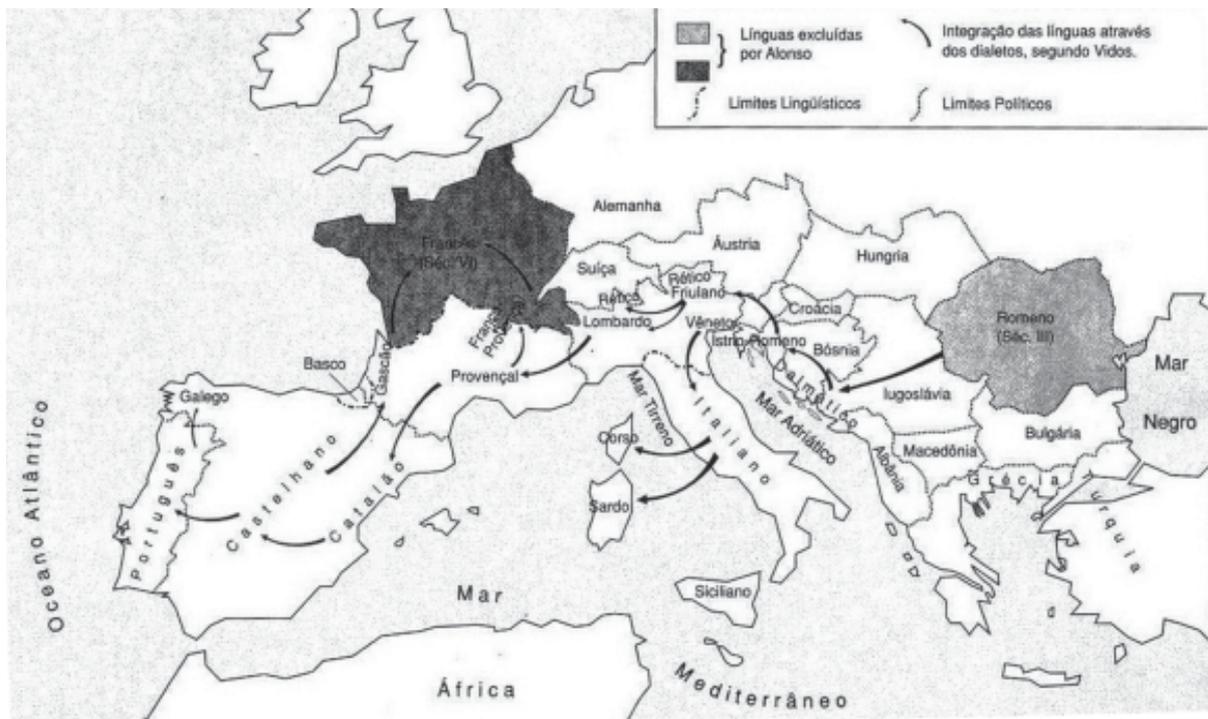
Antes da expansão romana, a Itália era apenas um mosaico de raças: gauleses ao norte, etruscos e latinos mais ao centro e gregos ao sul e, nos seus primórdios, o latim era somente um dialeto de Roma, situada no coração do Lácio. Iniciada a expansão pela Península Ibérica, o poder de Roma vai conquistando territórios mais distantes e defrontando-se com línguas e culturas diferentes, algo determinante para a transformação do latim. Outro passo é conquista do Mediterrâneo que viria após as Guerras Púnicas travadas contra Cartago. E o poder de Roma vai mais além, incluindo: Macedônia, Síria, Grécia, Egito, Península Ibérica e outras.

Notam-se as diferenças entre as modalidades do latim aqui já citadas nos aspectos lexicais, fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos, o que será o grande objetivo desta aula. A princípio, a distância que sepa-

rava as modalidades do latim não eram tão fortes, mas elas já se podem notar desde o século IV a. C. Sendo o vocabulário praticamente o mesmo, as modalidades de emprego da língua nunca foram realidades tão isoladamente que não permitissem entendimento entre elas. Ademais, as classe sociais, apesar de possuírem características próprias, mantinham certos contatos em que o uso da língua era elemento comum: comércio, escola, teatro, circo etc.

Importa reconhecer que, antes mesmo de ser levado às províncias, o latim já conhecia variações internas denotando a existências de falares diversos num mesmo âmbito linguístico. O assunto desta aula vai tratar de todas essas variações, as quais foram assimiladas, desta ou daquela forma, pelos novos falares provenientes dos contatos externos ao território do Lácio e de toda a Itália.

É preciso visualizar nos mapas o percurso da língua latina desde o território limitado do Lácio, de onde se partiu para conquistas de imprevisíveis dimensões.



**Romana Contínua** (segundo A. ALONSO e VIDOS).

(Fonte: BASSETTO, Bruno Fregni. **Filologia Românica**. São Paulo: Ed USP, 2005. p. 378).

### O LATIM

O *sermo urbanus* ao qual está associado o *sermo litterarius* possui uma farta documentação escrita sob a forma de textos de oratória e epistolares, obras poéticas, inscrições oficiais em monumentos, documentos, tratados diversos de medicina, culinária, arquitetura etc. O latim vulgar também chamado de *sermo rusticus* ou *sermo quotidianus*, por sua vez, não dispõe de muita documentação escrita, mas as poucas que ficaram refletem verdadeiramente a modalidade de língua usada pela população não letrada: muitas falhas gramaticais em que já se percebe a modificação que se vai operando no latim.

São famosos, a este exemplo, os *graffiti* de Pompéia, ou seja, inscrições em carvão ou estilete nas paredes desta cidade que, tendo ficado soterrada durante séculos sob as cinzas do Vesúvio, brindou os arqueólogos e toda a humanidade com este precioso documento sobre a língua latina vulgar. Tais *graffiti* são uma versão antiga das atuais pichações em spray e os mais diversos propósitos os motivam: pornográficos, políticos, imprecatórios, anúncios, propagandas etc. O nível de língua dessas inscrições parietais varia bastante, mas é sempre o popular que domina. Os habitantes locais zombavam do próprio hábito de rabiscarem as paredes, como se percebe nesta inscrição de configuração mais literária:

*Admiror, paries, te non cecidisse ruinis, qui tot scriptorum taedia sustineas.*

Traduzindo:

Eu me admiro, parede, de não teres caído em ruínas, tu que sustentas o tédio de tantos escritores.

Ou mais este grafite revelando o costume de escrever nomes de pessoas influentes (como hoje se faz com políticos) nos muros e paredes das cidades:

*Nomina stultorum ubicumque sunt locorum.*

Traduzindo: Os nomes dos bestas estão em todo lugar.

Esta e outras fontes do latim vulgar (sepulturas, relatos de viagem, receitas médicas e culinárias etc.) serão comentadas mais adiante, mas importa que se diga não serem elas tão numerosas quanto as que ilustram o latim erudito.

Mais tarde, com o contato de outras línguas motivado pela expansão territorial, surgirão outras modificações mais intensas, o que fará com

que o latim assimile feições diversas em cada território onde se deparou com as línguas nativas.

O advento do cristianismo faz surgir o *sermo aeclesiasticus*, mostrando o emprego do latim visando à satisfação dos interesses da Igreja na transmissão da mensagem cristã e na configuração de seus documentos e ritos oficiais. Esta modalidade de latim vai, aos poucos, abrigando-se nos conventos e monastérios, ganhando feições próprias em documentos, livros, tratados, textos oficiais.

Nas celebrações litúrgicas, o latim vai ser ricamente associado à musicalidade mais simples para atingir as massas populares tornando-se o chamado de *cantus gregorianus* ou *cantus planus* (*canto chão*). Como se deu com o latim vulgar nos romances, a Igreja cria também uma forma própria de escrita e de inspiração musical a fim de atingir as populações mais simples que estavam aderindo ao cristianismo. Desejava-se com a música, assim como com a língua, levar a mensagem da forma que mais facilitasse a compreensão popular. Esta associação da língua latina ao canto gregoriano é um patrimônio indelével da cultura universal.

Em relação ao latim clássico, a documentação a que temos acesso faz pensar numa modalidade mais fixa que pôde sobreviver até os nossos dias, porque registrada por escrito. Já o latim vulgar não contou com esta forma de registro, pois os seus contextos são bem menos formais que os dos textos literários. Além dos *graffiti* de Pompéia, já nos referimos às observações do *Appendix Probi* (Cf. módulo 7) dando conta de que, desde o II século, era possível perceber os rumos de uma evolução já em processo.

Outro documento de igual importância é uma espécie de relatório de viagem intitulado *Peregrinatio ad Locca Sacra*, da monja *AEtheria* (ou Egéria), datado do século V e dando conta dos momentos de sua visita à Terra Santa.

Outros documentos denominam-se *Defixionum Tabellae*, ou seja, tabuinhas execratórias, nas quais se expressam, em gravações no metal, pedra ou terracota, textos de intenções mágicas para fazer mal às pessoas indesejadas. Tais textos estão repletos de vulgarismos e refletem um estágio da língua latina.

Além das classes populares, eram usuários do latim vulgar as camadas medianas da sociedade, que também conviviam com as classes mais abastadas e, como se percebe nas línguas modernas, a língua falada pelos mais cultos não era necessariamente a língua dos textos clássicos. O próprio Cícero emprega expressões populares nas suas correspondências.



Segundo Bruno Fregni Basseto, o latim falado em Roma a partir do século III a. C. apresenta três normas:

1. O *sermo classicus* ou *litterarius* – burilado, artístico, sintético, que chegou ao auge estilístico entre 81 a. C. e 14 d. C., considerado o período áureo da língua latina, destacando-se os nomes de Virgílio, Catulo, Horácio, Ovídio, Lucrécio e a forte proteção do imperador Augusto. Trata-se, na verdade, de uma estilização do *sermo urbanus*.
2. O *sermo urbanus* – a língua das classes cultas de Roma com suas características de correção gramatical, mas sem os rebuscamentos próprios da variedade literária.
3. O *sermo pleibeius* – era a modalidade da grande massa popular, desfavorecida e analfabeta. Apesar de ser mal vista pelos gramáticos, era a língua viva e real com variantes no léxico e que ainda se distingue dos *sermones rusticus, castensis e peregrinus*.

A variedade conhecida por latim vulgar é uma realização linguística que esteve submetida a influências diversas, razão pela qual Rodolfo Ilari prefere chamá-lo de *protorromance*, reconhecendo haver fortes motivos para se crer que a modalidade de língua que deu origem às românicas foi de fato uma língua eminentemente popular.

Uma prova disso está em textos de escritores clássicos criticando a *rusticitas* ou *peregrinitas*, fazendo votos de que esta modalidade de língua jamais fosse registrada na escrita, até porque parece provir das camadas inferiores da população, certamente quase analfabeta em sua totalidade.

### CARACTERÍSTICAS MARCANTES

Apesar das modalidades diferentes, não se deve pensar em duas línguas latinas. Sempre houve um convívio entre as modalidades, algo que o teatro fez ainda mais visível. O latim urbano e culto transformou-se lentamente entre a época de Cícero até São Jerônimo e Santo Agostinho e, com a queda do império, foi alojar-se nos mosteiros perdendo ainda mais o contato com a sociedade e reduzindo-se aos espaços escolares, tornando-se língua cristalizada, praticamente morta.

A língua literária continuou no discurso eclesiástico e também no *sermo profanus* e o *sermo urbanus* desapareceu no século VI. O que continuou vigente foi a *rustica romana lingua*, o latim pobre e humilde das populações rurais e este latim vai evoluir em cada língua românica.

Alguns aspectos merecem destaque:

1. MUDANÇAS FONOLÓGICAS – As diferenças neste aspecto não se dão tanto nas posições acentuais, mas na irrelevância da quantidade silábica na modalidade popular (REVER – Fundamentos da Língua Latina – módulo 1, p. 37-45).

A primeira diferença acontece quando a vogal da penúltima sílaba é seguida de um grupo consonântico constituído de *occlusiva + r*. Neste caso

o acento cai sempre nesta sílaba, diferentemente do acento clássico, que dependia da quantidade da vogal, da mesma forma que as demais sílabas abertas:

Latim clássico Íntegrum	Latim vulgar Intégrum > inteiro
----------------------------	------------------------------------

Isso faz com que haja no latim vulgar predomínio do acento sobre a penúltima sílaba, como ainda acontece no português atual.

A segunda diferença se verifica no deslocamento do acento proparoxítono clássico para o paroxítono no vulgar. Enquanto o acento caía em um *e* ou *i* em hiatos posicionados na antepenúltima sílaba, segundo as regras de acentuação do latim clássico, no latim vulgar a tendência é deslocar o acento para a vogal seguinte:

Latim clássico Mulíerem	Latim vulgar Muliérem > mulher
----------------------------	-----------------------------------

Outra diferença atinge a configuração dos ditongos, que são três em latim clássico *ae*, *au*, *oe*, exemplificados, respectivamente, em *vitae*, *taurum* e *poena*, e o latim vulgar os reduz a uma só vogal:

Latim clássico AEetatem fAUcem pOEnam	Latim vulgar Etatem > idade fOcem > foz pEnam > pena
--	---

Existe tendência a evitar os hiatos ou a fazer a retirada da primeira vogal fazendo aparecer uma semiconsoante em seu lugar:

Latim clássico murtUUs linEA	Latim vulgar mortUs > morto linJA > linha
------------------------------------	---

O sistema vocálico apresentava no latim clássico as mesmas cinco vogais da atualidade; no entanto, devido ao timbre breve ou longo que as caracterizava, elas são em número de dez. A tendência do vulgar é ir suprimindo a diferença de pronúncia e elas se simplificam em cinco, já não se dando mais importância à sutileza de detalhe na pronúncia, como hoje se verifica.

No latim clássico, o sistema das consoantes, por sua vez, era formado de dezessete sons, incluindo as semivogais *j* e *w* e a aspirada *h*. Modificações outras envolvem as consoantes *t*, *d*, *n*, *l*, *r*, que, se pronunciadas na região labiodental, passam a ser articuladas na área dental anterior. Outra mudança faz a consoante *f* mudar de ponto de articulação de bila-

teral para labiodental, assim como houve o acréscimo no quadro fonológico da consoante *v* fricativa sonora no lugar de articulação labiodental.

Outras mudanças:

- A palatização das velares em que a consoante *g* antes de *e*, *i* conserva o seu som velar (*agiar*=*aguiar*; *agia*=*aja*). No latim vulgar, a pronúncia das velares, mesmo diante das anteriores *e*, *i*, passou a ser palatal; em seguida, no período românico, a pronúncia apresentou evolução diferenciada entre regiões.

Vale ressaltar que a consoante *c* no início da palavra, em alguns casos, transformou-se em *g* (*cattum*=*gato*).

- A africção da labial *b* passa a *v* em posição intervocálica; já em posição inicial mantém-se: *faba*>*fava* / *nubem* > *nuvem* / *gubernum*> *governo*.

- A queda do *h*, que nas línguas românicas não é pronunciado: *omine* < *hominem*.

- No que tange às oclusivas surdas intervocálicas, existe tendência à sonorização devido à própria sonoridade das vogais, a exemplo de *apopora* > *abóbora*; *totu* > *todo*; *amicu* > *amigo*.

- Um outro dado é a queda das consoantes finais: cai o *m* / *n* (exceto nos monossílabos) e caem *n*, *t*, *s*: *lumen* > *lume*; *cantat* > *canta*. Em outros casos, ocorre metástase com a migração do *r* final: *semper* > *sempre*; *super* > *sobre*.

Com relação às palavras iniciadas com *s* seguido de *c*, *p*, *t*, surge um *i* hipotético que geralmente se torna *e* (*sacala* > *escala*; *status* > *estado*; *spata* > *espada*). A língua portuguesa tem fartos exemplos desta evolução.

- Os grupos *pl*, *cl*, *tl*, *fl* tendem a modificar-se em *ch* (*chuva*, *chuva*, *vetulus* > *vetlo*> *velho*, *chama*). Também são fartos os exemplos desta mudança, muito embora nem todas as línguas românicas assimilassem este processo.

O assunto aqui tratado pode ser complementado com as consultas ao módulo II de Fundamentos da Língua Latina (aula 20, páginas 147-160) quando se aborda a questão da formação das palavras, das leis fonéticas e dos metaplasmos que conduzem o processo da transformação da língua latina para as línguas românicas, especialmente para o português.

Nunca se torna demasiado lembrar que os conhecimentos básicos do latim são prerequisites para os estudos de Filologia Românica.

2. MUDANÇAS MORFOLÓGICAS – Agora você vai conhecer o que ocorreu no domínio da morfologia, ou seja, do estudo das formas que as palavras possuem, suas possibilidades de emprego quanto a gênero, número, grau, declinação, casos, conjugação etc. devendo, por isso, ser enquadradas em classes, assim como, tradicionalmente, as gramáticas costumam fazer.

A morfologia das palavras latinas é muito rica dada a existência do processo das declinações (no que concerne aos nomes) e das conjugações (no caso dos verbos). (Vale fazer uma revisão deste assunto nos módulos I e II de Fundamentos de Língua Latina).

Inicialmente, a redução atinge o número de declinações que, de cinco, passam a três apenas com o desaparecimento das declinações quarta e quinta.

Os casos começam a se tornar apenas três até se configurarem em uma forma única. Um exemplo desta redução progressiva é a existência de *casos* ainda hoje em alguns pronomes (*eu* –nominativo; *mim* –genitivo e dativo; *me* –acusativo e ablativo).

Pelo processo das declinações, substantivos e adjetivos latinos dispunham de formas variadas para cada função sintática que a palavra pudesse exercer na frase e, graças a este recurso, não havia necessidade de marcar as principais funções sintáticas numa ordem fixa no decorrer das frases. Neste aspecto, o latim vulgar reduziu os seis casos latinos, desdobrados em doze por causa da singular e do plural, a apenas duas formas, uma do singular e outra do plural.

A questão dos gêneros também deve ser abordada. Houve a queda do gênero neutro (as marcas deste gênero ainda podem ser vistas em alguns pronomes atuais como *tudo*, *algo*, *isto*, *isso*, *aquilo*) e houve também a necessidade de distribuir os nomes neutros latinos com os dois gêneros que ficaram, mas não existe um critério rigoroso para isso nas próprias línguas românicas. Assim, a palavra *mare* é do gênero neutro em latim e se torna *o mar* no português e *la mer* no francês. (ESTE ASSUNTO MOTIVA UM EXCELENTE TRABALHO DE PESQUISA).

Muitos nomes neutros, porém, acabaram sendo absorvidos pelo masculino (*templum*, *i*) como também houve casos de mudança de declinação como nos neutros em *us*, *oris*, da terceira declinação, que se direcionam para a segunda.

Nos chamados graus dos adjetivos, a principal inovação foi o abandono progressivo das formas sintéticas que foram substituídas pelas construções com *magis* ou *plus* para o comparativo e *mutum* para o superlativo. Na atualidade, porém, ainda vigem formas semelhantes a *senior*, *junior*, *melior*, *pejor*, *optimo*,

Em relação aos pronomes, muitas modificações ocorreram. Nos pessoais, aparece a forma de terceira pessoa sobretudo visando à conjugação dos verbos. Nos relativos, observa-se a redução de todas as formas à simples configuração do *qui*. O *cujus*, de certa forma, ainda aparece até hoje. Outras modificações serão ventiladas durante o curso em associação a outros temas em que aspectos comuns se evidenciam.

A maior área de modificações acontece no trato com os verbos. As conjugações verbais latinas são bastante complexas e, naturalmente, na tendência do latim vulgar de simplificar a língua, os verbos vão ser a classe mais atingida.

De início, reduzem-se as conjugações a apenas três. As duas formas em *ere* simplificam-se em uma só, mas nem sempre os verbos permanecem na mesma conjugação do latim clássico. O verbo *studere*, por exem-

plo, migra para a primeira conjugação *estudar*. O verbo *fluere* ganha forma de quarta conjugação *fluir*, cuja terminação em *ir* no português torna-se característica de terceira conjugação. O verbo *obedire* torna-se *obedecer* etc.

O passo inicial no português é o desaparecimento da última vogal *e*, a exemplo de *cantare*, *amare*, *habere*, *dicere*, *partire* e outros.

(Para melhor compreensão do fenômeno, reveja o assunto de verbos nos módulos I e II de Fundamentos da Língua Latina.)

Das palavras invariáveis, não há muito o que dizer. Com relação aos advérbios, parece que o latim vulgar perdeu os recursos morfológicos que permitiam criar advérbios de modo a partir dos adjetivos, o que acontece nas línguas românicas com a formação de advérbios de modo com o acréscimo de *mente*, parece ser algo mais recente.

3. MUDANÇAS SINTÁTICAS - Na sintaxe latina, predomina o costume de colocar o verbo no fim da frase, se bem que em quase todas as suas modalidades, o latim apresenta-se como de ordem muito livre, o que era facilitado pelo emprego dos casos.

Uma característica do *sermo urbanus*, porém, é bem vista na construção de frases e períodos curtos. A progressiva eliminação dos casos vai de par com o surgimento dos artigos e o emprego cada vez maior das preposições. O latim vulgar também vai optando pelo discurso direto por ser mais facilitador da compreensão do enunciado. Não são muito marcantes as modificações de regência, mas elas também se verificam aqui e ali nas românicas.

As MUDANÇAS SEMÂNTICAS também ocorreram, mas elas serão comentadas na aula seguinte ao ser abordada a questão do *latim e a evolução do cristianismo*, pois a Igreja Cristã, no desejo de constituir uma terminologia própria, realiza uma verdadeira transformação em certos termos latinos que passaram a ter nova concepção na nova fé.

## CONCLUSÃO

O contato com outros povos e culturas impõe ao latim falado pelos conquistadores romanos a obrigação de adaptar-se, no entanto o dinamismo que leva à modificação dos falares é algo comum a todas as línguas e estas quando mais se misturam mais adquirem novas feições.

O fenômeno românico é algo especial na história da humanidade e atingiu proporções jamais vistas em relação a outros povos que, assim como os romanos, exerceram o costume de conquistar e dominar povos mais fracos.

A marca que o latim deixou no mundo é algo impressionante, daí deve-se ter um certo cuidado ao falar do latim como língua morta, pois a sua presença é algo bem mais forte do que se imagina, haja vista serem as línguas românicas o melhor testemunho de como o latim ainda hoje se deixa ver.

Cabe ao estudante de letras buscar entender o processo de transformação e proceder à comparação criteriosa de todos os aspectos do latim, assumidos ou modificados segundo a conveniência de cada povo e seus idiomas anteriores ao latim.

## RESUMO

O latim é uma língua única, mas as modalidades em que aparece refletem os níveis sociais que o empregam e os territórios em que se deparou com outras realidades linguísticas, as quais, por sua vez, também se viram obrigadas a passar por determinadas modificações.

Os diferentes *sermões* são, na realidade, níveis de aplicação da língua em circunstâncias variadas e não há como considerar mais ou menos importante esta ou aquela modalidade. Apenas, infelizmente, a língua reflete também a estratificação da sociedade e o latim vulgar, embora empregado pela esmagadora maioria, não deixa de ser visto pelos preconceituosos de todas as épocas como algo de qualidade inferior. É mais ou menos o que acontece com o português das camadas populares e aquele que foi eleito como padrão de língua culta.

Muitas modificações havidas traduzem o esforço de adaptar a língua à realidade de cada região, de cada povo. Na fonética, por exemplo, muitas formas evoluídas convivem com as eruditas sendo possível, ainda hoje, o uso alternado dessas variações a depender das circunstâncias ou do nível das pessoas que as emprega. É certo, por exemplo, que *putre* tornou-se *podre*, mas como não reconhecer ainda em pleno uso termos como *putrefato*, *putrefação* e outros?

Um bom EXERCÍCIO para esta aula no que tange às modificações fonológicas é buscar esta pertinência de formas ainda na atualidade, o que não deixa de ser uma variedade de *sermões* ainda possível no presente.

mesmo se diga das mudanças morfossintáticas para as quais uma certa curiosidade e o costume de associar dados e informações pode estar conduzindo à mais plena compreensão do fenômeno.





## ATIVIDADES

- a) Realize uma pesquisa sobre as mudanças de gênero do latim para as línguas românticas.
- b) Fale das fontes do latim vulgar
- c) Organize um quadro sinótico evidenciando as características de cada *sermo*.
- d) Que relação podem ter as mudanças fonológicas, as leis fonéticas e os metaplasmos? Exemplifique.
- e) Apresente outros exemplos que ampliem os quadros acima, ilustrando ocorrências de mudanças fonéticas.
- f) O que houve com o gênero neutro na passagem do latim ao português? Justifique.
- g) Como são as conjugações verbais na língua latina? Exemplifique.
- h) O que aconteceu em termos sintáticos após a supressão dos casos latinos?

## COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Essas atividades e as outras incluídas ao longo desta aula retomam os assuntos abordados e facilitam a sua compreensão chegando à ampliação dos exemplos a partir da percepção dos próprios alunos. Importante é explicar com suas palavras aquilo que se conseguiu assimilar e não ficar repetindo as mesmas ilustrações dos manuais.

Continue o trabalho de ir construindo o glossário. Vá colocando em ordem alfabética todos os conceitos aqui desenvolvidos. Todos os conceitos básicos devem ser compilados, pouco a pouco, segundo o surgimento ao longo das aulas; ao final, se terá um interessante glossário.

*Graffiti* / *Sermo rusticus* / *Sermo quotidianus* / *Sermo urbanus* / *Sermo litterarius* / *Sermo castensis* / *Sermo peregrinus* / *Sermo profanus* / *Protorromance* / *Sermo ecclesiasticus* / *Cantus gregorius* ou *Cantus planus* (*canto chão*) / Cícero / Santo Agostinho / São Jerônimo.

## REFERÊNCIAS

- BASSETO, Bruno Fregni. **Elementos de filologia românica**. São Paulo: EDUSP, 2005.
- BOUET, Pierre et alii. **Initiation au système de la langue latine**. Paris: Nathan, 1975.
- CARDOSO, Zélia de Almeida. **Iniciação ao latim**. São Paulo: Ática, 1993.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1976.
- DANGEL, Jacqueline. **Histoire de la langue latine**. Paris: 1995.
- ELIA, Sílvio. **Preparação à linguística românica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.
- GALVÃO, José Raimundo. **Alomorfias do léxico português**. São Cristóvão: EDUFS, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Fundamentos da língua latina**. Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão - CESAD : EDUFS, 2008. 2 v.
- HECKLER, Evando et alii. **Dicionário morfológico da língua portuguesa**. São Leopoldo: EDUNISINOS, 1984, 5 v.
- \_\_\_\_\_. **Estrutura das palavras**. São Leopoldo: EDUNISINOS, 1994.
- \_\_\_\_\_. **História e estória das palavras**. São Leopoldo: EDUNISINOS, v. I-XX, 1988-1997.
- ILARI, Rodolfo. **Linguística Românica**. São Paulo: Ática, 2004.
- IODAN, Iorgu. **Introdução à linguística românica**. Tradução de Júlia Dias Ferreira. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1962.
- LAUSBERG, Heinrich. **Linguística românica**. Tradução de Marion Ehrardt e Maria Luísa Schemann. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1963.
- NUNES, José Joaquim. **Compêndio de gramática histórica portuguesa**. Lisboa: Livraria Clássica, 1956.
- PALMER, L. R. **Introducción al latín**. Tradução de Juan José Moralejo e José Luis Moralejo. Barcelona: Ariel, 1984.
- VÄÄNÄNEM, Veikko. **Introducción al latín vulgar**. Tradução de Manuel Carrión. Madrid: Gredos, 1968.
- TARALLO, Fernando. **Tempos linguísticos**. São Paulo: Ática, 1994.
- VIDOS, Benedek Elemér. **Manual de linguística românica**. Tradução de José Pereira da Silva. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.
- WEEDWOOD, Bárbara. **História concisa da linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2002.